

ARTIGOS

O papel do especialista de informação na modernização e profissionalização do conhecimento

Helena de Miranda Rosa e Souza

A leitura de um artigo de Simon Schwartzman¹, onde mostra o papel dos Intelectuais distribuídos em diferentes profissões na formação da sociedade brasileira e os projetos valorativos que orientaram o desenvolvimento de diversos segmentos profissionais, deixou-nos uma série de perguntas desencadeadoras de reflexões, busca de alguns dados históricos e bibliográficos e hipóteses quanto à evolução da nossa profissão.

Schwartzman historia a importância dos intelectuais no desenvolvimento de nossa sociedade:

"Intelectuais sempre procuraram exercer influência sobre as sociedades de que fazem parte. Sacerdotes, letrados e advogados disputaram durante séculos com guerreiros, príncipes e nobres as posições de prestígio, autoridade e decisão... A época moderna trouxe para esta arena um novo tipo de intelectual, que afirma ser detentor da credencial máxima para suas aspirações de prestígio e poder: os novos conhecimentos, amparados pelas certezas da ciência".

Quanto à sociedade brasileira, o autor descreve a formação e a contribuição dos engenheiros que participaram ativamente no processo de urbanização, reconstruindo velhas cidades, como o Rio de Janeiro ou construindo novas, exemplo, Brasília. Os médicos, voltados primeiro para as elites - os nobres e os ricos -, associam-se logo às novas concepções da saúde pública, nem sempre desprovidas de preconceitos, ampliando sua esfera de ação sa-

nitária, em estudos e pesquisas sobre Antropologia, Física, Eugenia etc. Os advogados tiveram destacada atuação na elaboração das constituições brasileiras, reunindo-se em associações jurídicas que ultrapassaram as funções corporativistas em suas lutas contra o regime militar de 64, defendendo as aspirações democráticas e liberais da coletividade.

E qual o papel dos bibliotecários na sociedade brasileira? Qual a sua participação na abertura e produção de novos conhecimentos e técnicas no campo da Documentação e Informação? Qual sua contribuição na otimização do uso da informação nas diferentes atividades da sociedade brasileira? É correta a afirmação de o bibliotecário ser um produtor intelectual, um gerador de conhecimento?

A todo esse questionamento, acrescentou-se um outro paralelo e adicional ao assunto: Schwartzman fala das profissões sociais novas incluindo a Biblioteconomia ao lado da Administração, Jornalismo, Comunicação, Assistência Social e assim se exprime:

"... os cursos de Ciências Sociais tenderam a se disseminar como uma espécie de segunda ou terceira opção para estudantes que não conseguiram entrar nos cursos mais cobiçados ou para aqueles, geralmente mulheres, para quem a profissionalização não é uma preocupação fundamental".

Essa opinião de Schwartzman reforçou em nós a vontade de descobrir, analisar e definir a função social do bibliotecário no

Resumo

Estudo sobre a participação do profissional de informação no desenvolvimento do Brasil através de sua produção intelectual, impressa e divulgada em duas fontes de referência: a própria Bibliografia Brasileira de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação, e o Catálogo de Dissertações e Teses apresentadas no mundo acadêmico. Complementando esse enfoque, apresentam-se dados estatísticos da classe e de seu trabalho, assim como considerações acerca do impacto das políticas governamentais na definição dos objetivos no setor da informação.

período de quase 40 anos, verificar se o seu espaço na sociedade brasileira provocou alguma transformação significativa em sua história e, por último, avaliar o porquê desse comentário e tentar relutar a pecha de falta de profissionalização das mulheres.

Não sendo nosso campo a Sociologia, escolhemos, para melhor refletir sobre o assunto, reunir alguns fatos e idéias acerca do que os bibliotecários pensavam, escreviam e publicavam, reconstruindo, a grandes pinceladas, o quadro histórico de sua produção bibliográfica durante essa última metade do século, através de duas fontes bibliográficas.

Com este objetivo, tomamos como ponto de partida a *Bibliografia Brasileira de Documentação (BBD)*, obra editada na época pelo Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD), atual Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) desde 1976, que, por sua vez, alterou o título da obra para *Bibliografia Brasileira em Ciência da Informação (BBCI)*,

A seguir, analisamos o *Catálogo de Dissertações e Teses em Ciência da Informação e Biblioteconomia*, também editado pelo IBICT no intuito de visualizar a produção mais técnica e avançada do nosso profissional, baseada em pesquisas acadêmicas ou não, muitas delas destina-

das às soluções de problemas da sociedade contemporânea, outras permitindo perspectivas e opções no melhoramento e progresso da Biblioteconomia, Documentação e Ciência da informação no Brasil.

A avaliação após exame das duas obras trouxe à baila uma série de detalhes interessantes e esclarecedores, pois, além de comprovar a evolução quantitativa e qualitativa da produção intelectual do bibliotecário, mostrou também sua presença no desenvolvimento da sociedade brasileira. De forma correlata, ficou bem evidenciado o atrelamento das atividades profissionais, da filosofia e desempenho das bibliotecas às ordens, orientações e preceitos emanados e voltados à consecução das diretrizes e metas políticas do Governo Federal, no período de 1940-80.

Por último, a pesquisa evidencia a transformação da profissão: o ingresso paulatino do bibliotecário no processo de profissionalização, com maior ou menor adequação nas suas diferentes características.

ALGUNS CONCEITOS INSTRUMENTAIS PARA A ANÁLISE DOS DADOS

Intelectual, em sentido mais amplo corresponde ao indivíduo que recebeu boa educação formal, integra a elite da sociedade, contribuindo com mais ou menos trabalho, idéias e subsídios de maior ou menor alcance na evolução do pensamento intelectual do país¹. Historicamente, porém, o intelectual pode desempenhar diferentes papéis ou funções. Uma delas foi reconhecida como *intelligentsia*, palavra surgida na Polônia e na Rússia, no século passado, e que se espalhou posteriormente pela Europa. Com o tempo sua definição sofreu alterações decorrentes da influência de movimentos políticos. Modernamente, denomina a elite cultural que pode receber diferentes atributos nas sociedades ocidental e periférica, com enorme grau de autonomia em relação às esferas de poder constituído*.

Schwartzman atribui aos integrantes da *intelligentsia* um papel especial ao tentar formular e difundir amplas interpretações, visões do mundo de seus tempos e sociedades. Busca difundir sua palavra por toda a sociedade e suas idéias são armas no confronto político para grupos sociais mobilizados e em ascensão¹.

No Brasil e nos meios acadêmicos, usa-se a expressão massa crítica, oriunda da Física e quase similar a *intelligentsia*. Indica o intelectual capaz de elaborar instrumentos de análise científica para novas formas de organização do conhecimento e para enfrentar a problemática da ideologia do caráter nacional, de cultura brasileira³.

Com a mudança da relação entre a Ciência e o Estado, surge a figura do tecnocrata: apresenta-se, nos papéis de político, administrador ou funcionário que procura soluções meramente técnicas e/ou racionais, desprezando os aspectos humanos e sociais do problema. Na prática são intelectuais ou indivíduos que se mantêm próximos à elite, ao poder¹.

Na época contemporânea, a função intelectual assume uma nova representação – **o profissional** – pessoa com saber e habilidades especializadas e que desenvolve suas atividades de acordo com os padrões técnicos sociais e valorativos, sem necessariamente tratar de conduzir ou liderar a outros¹. Hoje em dia há um desdobramento entre profissionais liberais e assalariados. Os primeiros definem-se como indivíduos que possuem instrução acadêmica, saber especializado, vivem do seu trabalho, mas sem vínculo empregatício, pertencem às organizações classistas e têm seus colegas como críticos de seu trabalho. Os segundos ocupam posições assalariadas, são geralmente mal remunerados e pouco valorizados. É verdade que essa classificação das categorias profissionais não é rígida, pois qualquer um pode assumir independentemente ou concomitantemente funções acima indicadas. Por exemplo, os médicos passaram de profissional nitidamente liberal para a função de assalariados, podendo cada um exercer concomitantemente as duas funções.

Quanto à área dos profissionais de Biblioteconomia, Documentação e Informação, o Conselho Federal de Biblioteconomia definiu-as como objeto da profissão de bibliotecário⁴:

- Biblioteconomia é o conjunto de conhecimentos teóricos, técnicos e científicos relativos à administração e execução de serviços e processos de tratamento da informação documental e sua adequação a serviços de atendimentos a usuários.
- Documentação é o processo de reunir, ordenar e disseminar documentos, bem como os resultados da atividade intelectual em todos os campos do conhecimento
- Informação é o conjunto de dados acerca de fatos, pessoas ou objetos de qualquer natureza, emitidos ou recebidos sob múltiplas formas e registrados em diferentes suportes.

Neste trabalho utilizaremos o termo bibliotecário representando o profissional da informação, uma vez que a pesquisa abrange um grande período da história da nossa profissão, portanto difícil de acompanhar e caracterizar as transformações da área, que, por sua vez, suscitaram novas e mo-

* Mannheim² deu ao conceito de *intelligentsia* um papel fundamental, pois indicaria a existência de um estrato social flutuante, alheio às estruturas do poder dominante, que, em virtude de sua Independência, poderia ir além das perspectivas de oferecer uma interpretação verdadeira dos fatos. O conceito de *intelligentsia* serviu para justificar o domínio do especialista sobre o conhecimento.

demais nomenclaturas: documentalista, pesquisador, cientista, gerente da informação, técnico, superintendente da documentação etc.

BIBLIOGRAFIA BRASILEIRA DE DOCUMENTAÇÃO E BIBLIOGRAFIA BRASILEIRA DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO - BBD/BBCI

MUDANÇAS DE ESCOPO É TRANSFORMAÇÕES FORMAIS

O objetivo da obra consiste em sistematizar o registro bibliográfico da produção intelectual brasileira, gerada aqui ou no exterior nas áreas de Biblioteconomia, Arquivologia, Documentação e Ciência da Informação. Compete também disseminar as informações coletadas, produzindo não só um instrumento de recuperação e disseminação da informação, mas também um mapeamento da produção técnico-científica nessas áreas. Para atingir essa finalidade, inclui referências bibliográficas de monografias, de congressos, reuniões, seminários, separatas, teses, artigos de periódicos, dissertações, todos pertinentes aos campos acima citados.

A obra se divide em sete volumes, mais dois suplementos, abrangendo o período de 1811 a 1986, assim distribuídos:

- v.1 - Período de 1811 a 1960;
- v.2 - Período de 1960 a 1970;
- v.3/4 - Período de 1971 a 1977;
- v.3/4 - Período de 1971 a 1977- Suplemento 1: Referência;
- v.5 - Período de 1978 a 1980;
- v.6 - Período de 1980 a 1983;
- v.6 - Período de 1980 a 1983 - Suplemento;
- v.7 - Período de 1984 a 1986.

O suplemento do v.3/4 engloba material bibliográfico considerado obra de referência para qualquer disciplina: bibliografias, tesouros, catálogos de obras, guias, dicionários, enciclopédias, glossários, anuários etc. Essa nova abrangência corresponde a um momento histórico em que se destaca a interdisciplinariedade e/ou transdisciplinariedade do campo de ação da Biblioteconomia, da Documentação, agora acrescido da Ciência da Informação e de suas interações entre si e com outras disciplinas do conhecimento humano.

APRODUÇÃO BIBLIOGRÁFICA DA ÁREA DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO COM ÊNFASE NOS TIPOS DE MATERIAIS

Particularidades da produção bibliográfica

O volume inicial da bibliografia (1811-1960) apresenta-se como obra bem arquitetada e elaborada cujos critérios no estabelecimento de objetivos, diretrizes, abrangência, cobertura e metodologia não foram repetidos nos outros volumes, haja vista o arranjo sistemático da Classificação Decimal Universal e consequente explicação do seu uso; o tipo de impressão tipográfica tradicional, em papel couche, muito mais cuidadosa, menos cansativa à leitura em contraposição aos volumes seguintes; texto de "apresentação" também em inglês, visando a alcançar o público estrangeiro.

No prefácio, Laura Maia de Figueiredo, citando Edson Nery da Fonseca, explica que "documentação é reunir, classificar e distribuir documentos de todos os gêneros" e afirma que no sentido restrito é *depouillement* de periódicos e coleções".

Antônio Houaiss comenta que "documentação engloba as bibliotecas, os museus, as pinacotecas, as mapotecas, as discotecas, as filmotecas, as gossotecas, gipotecas, as n-tecas".

Sua definição refletia uma concepção mais ampla da palavra documentação e aceita nos meios profissionais da época para os quais documento era qualquer peça catalogada e classificada, podendo ser arqueológica, policial, artística, cultural etc., conforme os enunciados de Paul Otlet⁵ e Suzanne Briet⁶.

Edson Nery da Fonseca, compilador desse volume da Bibliografia, fornece o campo de atuação da Documentação: "a organização do trabalho intelectual, a informação científica, a bibliologia, a bibliografia, a biblioteconomia, as artes gráficas, a indústria e comércio dos livros, a museologia, a arquivologia, enfim, todas técnicas... de produção, reunião e difusão de documentos". Finalmente, Edson da Fonseca sintetiza Documentação como "ciência ou conjunto de ciências do documento".

Uma das atuais definições aceita pela classe - "conjunto de técnicas de processamento, organização e disseminação da informação especializada para maximizar a acessibilidade da informação contida em documentos" -, conforme Marisa B. Medeiros cita em sua dissertação de mestrado⁷, mostra a mudança de enfoque com o passar dos anos.

Duas linhas de conduta interferem e se destacam na produção bibliográfica arrolada no primeiro volume. Ausência de uma demarcação profissional bem definida, caracterizada como fluida ou ausente e representada tanto pela frequência de artigos na imprensa diária não especializada, quanto pelas assíduas contribuições de intelectuais reconhecidos por sua autoridade doutrinária, crítica e literária, mas não específica da Biblioteconomia. Por outro lado, iniciar-se-ia um projeto de modernização dos recursos e serviços informativos da administração pública que daria um grande impulso ao desenvolvimento profissional do setor.

Recapitemos alguns tópicos interessantes:

- a) a presença e quantidade de referências bibliotecárias extraídas de jornais - 265 - representando 23,5% do total de 1 129 itens computados nesse volume;
- b) presença de intelectuais brasileiros escrevendo sobre Biblioteconomia e Documentação exprime o *quanto os assuntos eram sensíveis aos homens de letras e o quanto a demarcação profissional era fluida ou inexistente*. Gilberto Freyre, Alceu Amoroso Lima, Cecília Meirelles, Carlos Drummond de Andrade, Monteiro Lobato e outros discorriam à vontade sobre a nossa profissão. Relatavam impressões das freqüentes visitas realizadas às bibliotecas estrangeiras, *abordavam temas específicos da Biblioteca Nacional sobre acervos cartoriais, feiras de livros, arquivos religiosos, mecânica da documentação, importância da Classificação Decimal Universal (CDU), situação do bibliotecário no Brasil, técnicas de bibliografia etc.*

Esse comportamento, ou melhor, incursão dos intelectuais na área biblioteconômica cessará na década seguinte, talvez em decorrência do reconhecimento da Biblioteconomia como profissão de nível superior, ocorrida em 1962. Renato Ortiz⁸, ao dar a definição de intelectuais isebianos, explica bem a situação então vigente: "eles insistirão sobretudo no fato de que a cultura significa um vir a ser. Neste sentido eles privilegiarão a história que está por ser feita, a ação social e não os estudos históricos; por isso, temas como projeto social, intelectuais, revestem-se para eles de uma dimensão fundamental. Ao se conceber o domínio da cultura como elemento de transformação sócio-econômica... abre perspectivas para se pensar a problemática da cultura brasileira em novos termos".

- c) O número de artigos publicados na *Revista do Serviço Público*, editada pelo Departamento Administrativo do Serviço Público (DASP) - 102 itens - e le-

vantado através da *Bibliografia Brasileira de Documentação*, v.1, período de 1811 a 1960, mostra o papel e a predominância dos funcionários civis/bibliotecários no nascimento da profissão no Brasil, os laços entre a Biblioteconomia e Documentação e a proposta de modernização administrativa.

O fato de a revista ser porta-voz das diretrizes políticas emanadas do Estado, condensadas nos seus editoriais com o propósito de disseminação, mostra a preocupação dos responsáveis em incutir na administração pública um primeiro esboço de política de informações documentárias quando estabelece padronização da informação em âmbito nacional, sistematização da documentação administrativa, função cultural da biblioteca e a noção de **serviço público** (o grifo é nosso) desse órgão de informação⁹.

A reforma administrativa implantada no serviço público brasileiro pelo DASP atingiu todos os escalões hierárquicos. Lydia de Queiroz Sambaquy, ao apresentar a funcionária do DASP Nilza Lins de Almeida, expressou com muita propriedade: "hoje, que existe grande interesse pelo desenvolvimento da Biblioteconomia nacional, que os **poderes públicos** (o grifo é nosso) sentem a necessidade premente de auxiliar os seus trabalhos e estender a todos os benefícios de seus serviços, a adoção de um sistema que apresse a co-

laboração entre as bibliotecas e que imponha a **uniformização de suas normas de trabalho** é perfeitamente aconselhável"¹⁰.

As bibliotecas não ficaram isentas da influência renovadora do DASP. Aragão¹¹ afirma logo no início de seu artigo: "Dentre o que se tem feito nos últimos anos no sentido de valorizar o funcionalismo civil para aperfeiçoamento do serviço público em geral - cabe especial referência a organização de bibliotecas conforme um **plano de preparação sistemática subsidiária** (o grifo é nosso) dos que se acham a serviço do Estado. Na conformidade desse sistema, cada ministério possui uma biblioteca, segundo a ordem de assuntos correspondentes às suas atribuições... Além disso, cabe salientar que na organização dos departamentos de administração ministeriais, a biblioteca passou a figurar como elemento complementar das atividades-meio". O que é uma verdade, pois, se confrontarmos os organogramas ministeriais da época, as bibliotecas ocupavam uma posição hierárquica privilegiada. A legislação que criou a Biblioteca do Ministério da Fazenda, por exemplo, subordinou-a diretamente ao diretor-geral, logo abaixo do ministro.

Assim, o DASP incentivou a criação e modernização das bibliotecas, incrementou o estabelecimento de curso adequado às novas necessidades, calcado nos métodos biblioteconômicos norte-americanos que posteriormente a Biblioteca Nacional absorveu, imprimiu obras e documentos, e também foi responsável pela implantação do Serviço de Intercâmbio de Catalogação (SIC), com o propósito de normalizar a apresentação do registro catalográfico das obras editadas e repassar em forma de fichas impressas às bibliotecas brasileiras. A economia de esforços intelectual e na reprodução dessa tarefa granjeou o sucesso do SIC, permitiu a viabilização do Catálogo Coletivo de Publicações, facilitou a localização das obras nas bibliotecas do País e iniciou o serviço de empréstimo e intercâmbio de publicações entre as bibliotecas da época*.

Em suma, o DASP, ao cumprir seu papel de reformador e modernizador da administração pública no Brasil, reconheceu as técnicas de processamento da informação como instrumentos necessários ao bom desempenho da máquina administrativa, conseguiu motivar os órgãos, do primeiro ao último escalão, da necessidade de reformar, da compatibilização de serviços e normalização da informação, e abriu um dos precedentes dos mais importantes: o de investimento na formação de conhecimentos e recursos humanos no setor.

A partir do segundo volume, novas e modernas técnicas biblioteconômicas integram o dia-a-dia dos profissionais lotados

no Serviço de Bibliografia do IBBD/IBICT, responsável pela divulgação desta fonte de referência.

O emprego de computadores destinados à agilização do processo editorial permitiu a utilização do índice KWIC - *Key-Word In Context* - na recuperação do documento através das palavras contidas no título do documento indexado.

Nos volumes seguintes, 3/4 e 5, optou-se pelo índice KWOC - *Key-Word Out of Context*, uma nova técnica de recuperação da informação caracterizada pela inserção no título, de palavras mais adequadas e identificadoras do assunto do documento, além do vocabulário controlado para a indexação.

Acompanhando o progresso da Biblioteconomia, os volumes seguintes se apresentaram no formato CALCO; procedendo-se a recuperação através de tesouros específicos da área. Do volume 6 em diante, já sob o título de *Bibliografia Brasileira de Ciência da Informação (BBCI)*, as referências bibliográficas são complementadas por resumos indicativos, descritores, tornando mais fácil a seleção de referências relevantes a um assunto.

Enfim, se no primeiro volume da Bibliografia existe um trabalho intelectual representado pela tarefa de coletar, organizar, indexar e classificar a documentação de acordo com a Classificação Decimal Universal (CDU), tarefas essas planejadas e executadas exclusivamente pelo homem, já nos volumes subseqüentes, inicia-se uma aprendizagem com as novas tecnologias de informação, hoje expressas nas bases de dados brasileiras que coletam e disseminam informações bibliográficas da produção nacional nas diversas áreas da ciência e da tecnologia.

Os dados bibliográficos; algumas implicações

A produção intelectual de qualquer estudioso acompanha os procedimentos e normas estabelecidos nos universos acadêmico e profissional. O técnico prepara seu trabalho (seja ele uma experiência, projeto, comunicação, estudo teórico etc.) e o divulga através dos tradicionais veículos de comunicação de sua área. O acadêmico apresenta e defende suas hipóteses, idéias e experiências em dissertações, teses e em trabalhos avulsos. Nos dois campos, os produtores intelectuais aguardam a receptividade de seus colegas.

Essa regra não é exceção para os bibliotecários, pois os caminhos e objetivos a serem percorridos para a divulgação dos trabalhos são os mesmos. Entretanto, em

* Se quisermos mais comprovações e subsídios sobre a ênfase dada na normalização da documentação impressa, tanto catalográfica quanto tipográfica, e a avaliação do resultado da disseminação da função de serviço público da biblioteca, aconselhamos a leitura do trabalho de Silveira e Cariomagnó¹², assim como o relatório de Chaves¹³ - *40 anos de atividades da Biblioteca do Ministério da Fazenda*.

função da análise da *Bibliografia Brasileira de Documentação/Bibliografia Brasileira em Ciência da Informação* - BBD/BBCI - (1810-1986), quadro 1, podemos acrescentar a preferência em editar trabalhos em periódicos especializados (35,82%) e/ou divulgá-los em reuniões de classe (23,83%). Podemos, ainda, aferir que os artigos publicados em jornais caíram em desuso após 1970, em contraposição ao progressivo crescimento de dissertações e teses, de 1960 em diante.

É oportuno constatar, outros sim, que, ao se rastrear as 279 pesquisas coligidas e analisadas e indexadas no *Catálogo de Dissertações e Teses em Ciência da Informação e Biblioteconomia* do IBICT e confrontadas com a produção expressa na *Bibliografia Brasileira de Documentação/Bibliografia Brasileira em Ciência da Informação*, verificamos que só 13 pesquisas atingiram o estágio de obra impressa. Estudos e entrevistas poderiam explicar as razões e até alterar o dado quantitativo, entretanto, ainda assim, é um dado importante, pois indica *a priori* que a classe, através das monografias, iniciou o processo de consolidação do conhecimento novo e especializado.

Quadro 1 - Bibliografia Brasileira de Documentação/Ciência da Informação

Documentos primários	Períodos e volumes	1811-1960	1960-1970	1971-1977	1971-1977	1978-1980	1980-1983	1980-1983	1984-1988	Total	%
		v.1	v.2	v.3/4	Suplemento Referência	v.5	v.6	Suplemento	v.7		
Livros		61	742	89	234	88	53	30	37	1 334	14,42
Folhetos		323	494	187	238	186	198	67	82	1 775	19,19
	Brasil	-	2	51	-	57	65	17	39	231	
Dissertações/ Teses	Exterior	-	3	13	-	2	10	2	5	35	
	Total	-	5	64	-	59	75	19	44	266	2,88
Eventos (Congressos, seminários, etc.)	Títulos	13	50	37	7	31	60	21	22	241	
	Itens	57	415	554	20	403	550	70	136	2 205	23,83
Jornais	Títulos	26	16	-	-	-	-	-	-	42	
	Itens	265	92	-	-	-	-	-	-	357	3,66
Periódicos	Títulos	85	157	58	53	64	40	27	19	503	
	Itens	423	972	464	159	396	320	229	351	3 314	35,82
Total		1 129	2 720	1 358	651	1 132	1 196	415	650	9 251	100

Livros

Considerou-se livro a publicação impressa, não periódica, com mais de 100 páginas.

O quadro 2 assinala uma expressiva produção editorial de livros no segundo volume (1960/70) e em menor quantidade, mas ainda assim bem significativa, durante os anos 1970/80. Analisando os itens *per se*, verificamos que, por critérios políticos na seleção, todas as obras consideradas fontes de referência sobre qualquer assunto ali foram incluídas. Decisão temporária, pois tanto no primeiro volume quanto nos dois últimos (v. 6 e 7) a produção de livros retoma níveis mais baixos e compatíveis com a realidade do setor.

Quadro 2 - Produção intelectual na área por décadas

Décadas/ Tipos	1811-60 (v.1)	1960-70 (v.2)	1970-80 (v.3/4, 5)	1980-86 (v.6, 7)
Livros	61	742*	411*	126
Folhetos	323	494	604	347
Reuniões/Congressos (itens)	57	415	976	756
Periódicos (itens)	423	972	1 016	900

Fonte: *Bibliografia Brasileira de Documentação/Ciência da Informação*

* Inclui obras de referência sobre qualquer assunto.

Teses e Dissertações

A criação de cursos de pós-graduação destinados a um segmento profissional surge em decorrência de quatro objetivos principais: formar recursos humanos qualificados para a comunidade universitária e centros de excelência e dotá-los de massa crítica, incentivar experiências e pesquisas acadêmicas ou não, proporcionar aperfeiçoamento e atualização técnica de seus profissionais, atender à demanda dos setores público e privado.

Teses e dissertações são trabalhos elaborados como requisitos para obtenção de grau de mestre, doutor ou livre-docência em universidades ou instituições similares

e defendidos publicamente, diante de uma banca de alto nível. A essa finalidade acrescenta-se, hoje em dia, que aos mesmos fundamentam-se tanto em pesquisas na área de ensino quanto em estudos aplicados, caracterizam-se pela inovação, criatividade e produção de conhecimento novo. Nesse segmento social, despontam os formadores da famosa massa crítica, tão importante em qualquer profissão.

Na área de Biblioteconomia, o primeiro curso de mestrado nasceu em 1970 no IBICT (convênio com a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), seguido por mais seis no interregno de 18 anos: Universidade de São Paulo (USP), Universidade Federal da Paraíba (UFPB),

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Universidade de Brasília (UnB), Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUCAMP), Universidade do Rio de Janeiro (Uni-Rio). Oferecem um leque de opções na área de concentração: cultura, sociedade, centros culturais, educação, informática etc., o que permite afirmar pleno atendimento às demandas de mercado, bem como o engajamento dos profissionais na produção de conhecimento novo nas diversas modalidades da área.

Hoje, os doutorados das escolas de Comunicação da USP e da UFRJ proporcionam linha de pesquisa em Biblioteconomia e em Ciência da Informação.

Quadro 3 – Cursos de Mestrado

Título	Instituição	Data/Criação	Área de concentração
Mestrado em Ciência da Informação	IBICT/UFRJ	1970	1 – Processamento da Informação 2 – Estrutura e fluxo da Informação 3 – Informação, Cultura e Sociedade
Mestrado em Comunicação - Área de Biblioteconomia e Documentação	USP	1972	1 – Geração e uso da Informação 2 – Análise documental 3 – Ação cultural e biblioteca
Curso Pós-Graduação em Biblioteconomia (Administração de Bibliotecas)	UFMG	1976	1 – Biblioteca e Educação 2 – Biblioteca e Informação especializada
Mestrado em Biblioteconomia	UFPB	1978	1 – Sistemas de bibliotecas públicas
Mestrado em Biblioteconomia	PUCAMP	1977	1 – Planejamento e organização administrativa de sistemas de informação
Mestrado em Biblioteconomia e Documentação	UnB	1978	1 – Planejamento, organização e administração de sistemas de informação científica
Mestrado em Administração de Centros Culturais	Uni-Rio	1988	1 – Planejamento de centros culturais 2 – Gestão documental

Quadro 4 – Cursos de Doutorado

Título	Instituição	Data
Doutorado em Comunicação Área de Biblioteconomia	USP/ECA	1980
Doutorado em Comunicação – Linha de pesquisa: Informação, Cultura e Sociedade	UFRJ/ECO	1985

Produtividade dos pós-graduados

O trabalho de Neusa Macedo¹⁴ dissecou as 279 dissertações/teses arroladas na principal fonte de referência (BBD/BBCI), visualiza do ponto de contexto, analisa os grandes e pequenos assuntos, examina a produção nacional originária do exterior, observa as preferências dos profissionais por temas técnicos em suas pesquisas e, finalmente, dá o percentual da distribuição temática.

Já aqui neste trabalho, o interesse é o agente: analisar a produção intelectual dos mestres/doutores/docentes em suas carreiras acadêmica e profissional, no período de 1972 a 1985, e tentar descobrir as razões dos resultados obtidos.

O levantamento baseou-se na fonte de referência mais indicada - *Catálogo de Dissertações e Teses em Ciência da Informação e Biblioteconomia* - volume principal e cinco suplementos, editado a partir de 1982, mas abrangendo período anterior. A seguir, procedeu-se ao confronto dos dados com a *Bibliografia Brasileira de Documentação/Ciência da Informação* (BBD/BBCI), por intermédio do rastreamento da produção intelectual dos autores entre as referências bibliográficas citadas no BBD/BBCI.

Estão enquadradas na categoria de mestres, doutores e docentes com teses/dissertações 269 profissionais, um percentual de 1,92% dos 14 000 bibliotecários registrados em seus órgãos de fiscalização distribuídos em 14 Conselhos Regionais em todo Brasil¹⁵. É **um dado satisfatório** mesmo sendo a "grosso modo", pois, se excluirmos os aposentados, falecidos, licenciados e outros, o percentual aumentará. É verdade que alguns não possuem graduação em Biblioteconomia, como atestou Gilda Olinto¹⁶ em seu estudo avaliativo dos cursos do IBICT, no período de 11 anos. O percentual de 13,3% de alunos provenientes de outras áreas acadêmicas representava 13 profissionais de um universo de 98 alunos matriculados. A partir desses quatro últimos anos, o curso de Mestrado em Ciência da Informação alterou seu público-alvo e incentivou a entrada de profissionais de outras áreas no seu quadro discente.

**Quadro 5 – Produtividade dos pós-graduados (1972-1985)
(269 = 100%)**

Divulgação dos trabalhos na BBD/BBCI	%
Não divulgou nenhum trabalho, nem a própria dissertação/tese	9,0
Só divulgou a própria dissertação/tese	21,2
Publicou até 5 trabalhos incluindo a tese	66,5
Publicou mais de 5 trabalhos	24,5

Acompanhando a trajetória dos profissionais no mundo acadêmico - mestrado/doutorado e/ou livre-docência -, 25 defenderam tese (doutorado) e 10 disputaram a livre docência,

Investigando as razões da inexistência ou parca divulgação das pesquisas, surgem algumas hipóteses:

- o assunto é pertinente, mas o autor preferiu difundir seu trabalho em publicações diferentes das analisadas pelo BBD/BBCI, mais adequadas ao tema estudado;
- assunto muito específico, restrito a uma instituição ou a um círculo pequeno de interessados, podendo também ser regional, o que enseja a falta de empenho na difusão do trabalho;
- apresentação da dissertação e/ou defesa de tese no exterior com poucos exemplares disponíveis para difusão;
- profissionais provenientes do mundo acadêmico, isto é, de empresas etc. Retomam de imediato aos seus afazeres e perdem o élan de reelaborar, resumir e adaptar a dissertação, com vistas à edição em publicações periódicas e seriadas, divulgação em congressos ou sua transformação em monografia impressa;
- bolsistas estrangeiros que regressam aos seus países acossados pelo prazo-limite das bolsas e sem tempo de burilar um documento adequado à ampla divulgação;
- profissionais que não editam in totum suas dissertações, mas se utilizam de trechos para outros trabalhos.

A produção intelectual dos 269 pós-graduados em Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação, no período de 1972 a 1986, foi de 1 403 documentos e a média de publicação por pesquisador

atingiu a taxa de 5,2. Continuando esta análise, estes mesmos profissionais responsabilizaram-se por 26% da literatura biblioteconômica brasileira no interregno de 15 anos, provando sua posição de elite e/ou de produtor intelectual da classe.

Eventos de classe

Kohle e Ramos May¹⁷, ao avaliarem os critérios adotados no planejamento do X Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação (1979), relatam as dificuldades, dúvidas e indagações surgidas nas reuniões preparatórias e as idéias que prevaleceram nas decisões finais sobre a realização do Congresso. O questionamento surgiu com a escolha do tema central, viabilidade de selecionar e aprovar trabalhos que comporiam o programa, a escolha dos conferencistas convidados, rigorosidade na normalização dos trabalhos apresentados, tanto na parte gráfica quanto técnica, possibilidade de se programar cursos paralelos ao evento etc. Reconheceram, entretanto, que o quesito mais delicado, mais debatido e conflitante consistiu na adoção de critérios avaliativos da qualidade dos trabalhos a serem recebidos, de acordo com os parâmetros pré-estabelecidos pelo tema central. Se o princípio a ser adotado incluísse exclusivamente contribuições de alto nível, privava-se de grande número de profissionais com experiências próprias, subjacentes de atividades em condições ambientais adversas. "A Biblioteconomia brasileira resente-se da falta de soluções locais que tenham a oportunidade de aparecer", defendiam vários componentes da comissão. Naquela oportunidade, prevaleceu o critério de ampliar a participação, dando lugar à diversidade de realidades e experiências.

Contrária a esse ponto de vista, Neusa

Macedo¹⁴, em 1986, argumenta que, apesar dos 30 anos de realização de Congressos, Seminários etc., os mesmos não se enquadram em reuniões científicas, local de trocas de informação ou abertura de espaço para formação de colégios invisíveis. Representam, sim, "retratos vivos de uma literatura miscelânea com altos e baixos". A literatura veiculada nas reuniões de classe (quadro 6) demonstra que esse canal de comunicação sempre recebeu a preferência, aumentando gradativamente e com adequação nesses últimos anos. A atual concentração delimitada no campo biblioteconômico se contrapõe à amplitude de cobertura nos primeiros anos de realização dos eventos.

A título de confrontação, verificamos que, no volume primeiro da BBD, o levantamento bibliográfico foi menos rígido na seleção dos itens, em conseqüência talvez da inexistência e raridade de conagraçamentos associativos da classe. Assinalam-se documentos divulgados na Conferência Interamericana de Consolidação da Paz, nos congressos de escritores das Academias de Letras e Sociedade de Cultura Literária, do Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, Congresso de Ensino Regional etc., enquanto no sétimo volume (1984-1986) a concentração dos itens flui para o campo específico da Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação.

Quadro 6 – Reuniões da classe analisadas pela BBD/BBCI (congressos, seminários, conferências etc.)

Títulos dos eventos	Períodos e volumes			
	1811-1960 v.1	1960-1970 v.2	1970-1980 v.3/4, 5	1980-1986 v.6 e 7
Reuniões específicas da classe	4	42	60	73
Reuniões de áreas correlatas	10	8	17	30
Total	14	50	77	103

Bibliografias

O número de obras bibliográficas arroladas na BBD/BBCI mostra a ascensão desse tipo de material de referência, expressando um movimento internacional, oriundo dos primórdios do século XX. Paul Otlet e Henri La Fontaine, intelectuais belgas, elevaram a bibliografia a um *status* de disciplina independente da Biblioteconomia tradicional, ao determiná-la como instrumento controlador e disseminador da produção intelectual mundial, além de mostrar sua importância como ponto de partida das pesquisas e do desenvolvimento técnico-científico de qualquer país.

Seguindo essa diretriz, em 1950 a Unesco, órgão internacional ligado à promoção de intercâmbio de assuntos científicos, educacionais e culturais, promoveu uma conferência sobre problemas documentários, chegando seus participantes ao consenso de recomendar os seguintes princípios aos países-membros, inclusive ao Brasil:

- 1) que todos os países criassem uma entidade nacional de bibliografia;
- 2) que todos os países-membros assegurassem a publicação de bibliografias correntes nacionais¹⁹.

Essa orientação foi acatada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), ao fundar o antigo

IBBD (1954) determinando que entre suas principais finalidades estivessem: "a) promover a criação e o desenvolvimento dos serviços especializados de bibliografia e documentação; b) incentivar e coordenar o melhor aproveitamento dos recursos bibliográficos e documentários do País, tendo em vista, em particular, sua utilização na informação científica e tecnológica, destinada aos pesquisadores"¹⁹.

Assim, desde 1950 a alta administração brasileira, sensibilizada, canalizou esforços quanto à elaboração e divulgação de bibliografias, de preferência especializadas e produzidas no Brasil, como contribuição ao desenvolvimento econômico e tecnológico do País, meia prioritária governamental.

Essa política sofrerá alteração após 1976 em função das reformulações organizacionais do CNPq e do próprio IBBB, "sob alegação de que esta instituição concentrara sua atenção na informação bibliográfica e documentar. Assim, criou-se o IBICT com novos objetivos: a) coordenação de uma rede descentralizada de serviços de ICT; b) busca pelo domínio da nova tecnologia dos computadores, no processamento da informação bibliográfica"¹⁹.

O quadro 7 focaliza os resultados e reflexos da mudança da política administrativa

na área de bibliografia. Até os anos 70, observe-se aumento gradual de bibliografias impressas tanto na instituição quanto de outros órgãos congêneres, enquanto, a partir do volume 5, ocorre uma diminuição, dando a impressão de um serviço em retrocesso. As causas, porém, estariam ligadas à aplicação de procedimentos automatizados e à geração das incipientes bases de dados bibliográficos, que, pelo tipo de apresentação e da própria utilização, não convergiam em impressão tipográfica. Portanto, não registradas na BBD/BBCI.

No início da década de 80, o IBICT decidiu descentralizar a publicação das bibliografias especializadas ou bases de dados bibliográficos, oferecendo orientação, transferência de *know-how*, treinamento e apoio às instituições interessadas em acertar essas atribuições.

Hoje, elas estão à mercê da política de entidades com múltiplos interesses, de recursos financeiros alocados em diferentes projetos, com problemas de pouca disponibilidade de material, equipamento e tempo de pessoal, além de restrições na consecução das tarefas de coleta e tratamento. Porém, se algumas instituições pecam pela burocracia, emperramento e falta de agilidade na execução das bibliografias a elas atribuídas, outras se sobressaem pela criatividade operacional, desempenho, me-

Quadro 7 – Bibliografias enroladas (1811-1986)

BBD/BBCi	Número de Itens	Total de Itens	%
1811-1960 v.1	76	1 129	6,73
1960-1970 v.2	201	2 720	7,38
1971-1977 v.3/4	4	1 358	0,29
1971-1977 Suplem. Refer.	322	651	49,46
1978-1980 v.5	23	1 132	2,03
1980-1983 v.6	19	1 196	1,59
1980-1983 Suplemento	7	415	1,68
1984-1986 v.7	13	650	2,00
Total	665	9 251	7,18

lhoramento nos padrões e apresentação moderna e eficiente.

Campos e Caldeira²⁰, que analisaram profundamente a evolução das bibliografias especializadas correntes publicadas sob a égide do IBBB/IBICT, terminaram em 1988 afirmando que, apesar dos muitos empecilhos e desestímulos nessa descentralização, há uma esperança no renascimento dos áureos tempos da bibliografia, pois a segunda fase do PADCT diz de maneira categórica: "a organização e difusão dos conhecimentos técnico-científicos produzidos no País têm o mesmo grau de importância da organização e difusão das informações geradas no exterior"²⁰.

Poderíamos concluir que o serviço de bibliografia, iniciado na década de 50, com ampla cobertura governamental, foi um dos pontos de partida de o bibliotecário obter sua "cidadania profissional" perante a sociedade, reconhecimento e elevação de *status*, ascensão plena ao nível universitário.

Por outro lado, a descentralização na elaboração de bibliografias especializadas, permitiu ampliar o círculo de pessoas envolvidas, pois transmitiu e repartiu responsabilidade e *know-how* tão necessários na organização e difusão do conhecimento brasileiro nos campos sócio-técnico e científico.

CONCLUSÕES

Sintetizando a evolução da profissão, diríamos que a utilização dos canais de comunicação sofreu mudança nesse período: desapareceu a alternativa de divulgar trabalhos técnicos em jornais, passando a classe a difundir suas experiências e estudos em eventos e em revistas especializadas.

O aparecimento de uma produção intelectual na área de Biblioteconomia, Documentação e Informação, caracterizada pelo crescente número de impressão de livros, folhetos, artigos, teses e estudos, ensejou o advento de uma elite produtora e consolidadora do conhecimento novo e especializado. Determinou também o renascimento de um velho termo indicador de acumulação de conhecimento humano, agora sob a forma de um produto - tesouro - com a função de dicionário intermediador do homem e da máquina (computador) utilizado na recuperação da informação.

Outros produtos, tais como catálogos coletivos, índices, sumários correntes, bibliografias, bases de dados etc., retratados alguns como serviços também, contribuíram para a classe obter sua "cidadania profissional" perante a sociedade.

Quanto à contribuição do bibliotecário na evolução da sociedade brasileira durante essas quatro décadas, assinalamos três linhas de atuação da Biblioteconomia e compatíveis com as diretrizes políticas do governo: 1) função social da biblioteca; 2) normalização da informação; 3) conhecimento e divulgação da produção intelectual brasileira através das bibliografias.

O desempenho do bibliotecário nestas três linhas de atuação foi correto, eficiente, constante e também visionário, pois muitas vezes se antecipava à demanda do mercado. Exemplo: a criação, em 1970, do Mestrado em Ciência da Informação.

A função social, correlata e resultante da política de racionalização dos serviços públicos, nasceu durante a década de 40, vigorando com toda a força até meados de 1960. A função de democratização da biblioteca principiou em decorrência das mesmas alterações impostas ao sistema educacional brasileiro após a vigência da Escola Nova. Ambas, escola e biblioteca modificaram o *status que* existente na sociedade da época, voltada para a satisfação exclusiva de uma classe elitizada. Ambas se esforçaram em abrir perspectivas intelectuais e transmitir conhecimento aos seus usuários, simples cidadãos comuns. Ambas saíram à conquista de sua clientela.

A biblioteca permitiu e incentivou a sociali-

zação do livro através do serviço de empréstimo; ofereceu ao leitor liberdade na escolha de sua leitura ao facilitar o acesso às estantes; colaborou na elevação do nível de instrução do brasileiro sem provocar cerceamento ideológico ou didático.

Enfim, cumpriu sua missão social, de bem servir e estimular o hábito de leitura.

Coube ao bibliotecário, também, a tarefa de uniformizar o trabalho do controle das publicações editadas em âmbito nacional; coube-lhe adotar procedimentos técnicos internacionais a fim de facilitar a divulgação, intercâmbio e compra; coube-lhe a modernização das bibliotecas, o conhecimento das unidades de informação sediadas no País; coube-lhe compatibilizar os serviços bibliográficos e documentários; finalmente, coube-lhe a normalização da informação preparando-a para a era da informática (pós-industrial) e para a automação das unidades e centros de informação.

Por último, o bibliotecário assumiu seu papel de compilador e divulgador da produção intelectual, isto é, da bibliografia brasileira com ênfase na técnico-científica, seguindo as metas de desenvolvimento impostas pelo governo.

Se nos primeiros anos disseminou a bibliografia através de publicações impressas, passou posteriormente a utilizar o computador como instrumento para atingir esse fim. A máquina ofereceu recursos, implementou e sofisticou as tarefas executadas pelas unidades de informação, tais como rapidez, organização, controle e difusão do material coligido. Esta etapa, ainda em vigência, permitiu maior participação do bibliotecário no desenvolvimento do País e o elevou a um patamar de autoridade, reconhecimento e poder perante a sociedade.

Esse estágio de produção de bibliografias retrospectivas e correntes, impressas ou computadorizadas, via online ou por satélite, antecipa uma nova era para o mundo, onde a afirmação "Informação é poder" representa um fato concreto. Sentimos os reflexos dessa situação no Brasil, todavia, no exterior, a indústria da informação prova que seu proprietário detém de verdade o poder.

A pesquisa efetuada nas duas fontes principais e nos documentos referenciados permitiu visualizar e conhecer a contribuição do bibliotecário no desenvolvimento da sociedade brasileira, porém não nos foi possível realizar estudo aprofundado e uma avaliação consciente em face da amplitude do tema e da necessidade de se utilizar outros índices instrumentais,

Mesmo assim, podemos afirmar, respondendo aos quesitos iniciais, que o bibliotecário teve e continua desempenhando o seu papel na evolução da sociedade brasileira; é o produtor intelectual, pois gera conhecimento e está formando seu corpo de massa crítica, ocupa seu espaço nos meios intelectuais do País e cumpre os preceitos impostos pela profissionalização.

Antes de terminar as considerações e as conclusões, gostaríamos de refutar o comentário de Schwartzman de que a profissionalização não é uma preocupação fundamental para as mulheres. Acreditamos que essa assertiva *deveria ser estudada* sob o ângulo de cortes históricos, pois cada geração viveu e foi influenciada por características comportamentais ditadas pelo contexto social da época. A geração feminina dos anos 80 é muito diferente daquela de 40, quando a mulher brasileira inicia sua caminhada para o trabalho externo, em decorrência de pressões econômicas familiares e paulatinamente assume ocupações e prerrogativas até então masculinas.

Atribuir à mulher brasileira o estigma de pouco senso de profissionalização é uma atitude superficial e fora da realidade brasileira. As estatísticas demonstram que desde 1973 há predominância feminina nas universidades do País; o IBGE confirma o aumento progressivo da *mulher* na distribuição da população ocupada, dado este que abarca todas as camadas sociais; a ascensão profissional feminina é um processo natural, gradativo e irreversível na sociedade contemporânea e evidenciado no mundo inteiro.

Acreditamos, portanto, que não há mais razão de se *continuar com essa pecha* tradicionalista, pois a História, a Sociologia e a Estatística atestam esse avanço e prevêm sua participação em maior escala, maior conscientização e mais humanização nos destinos do Brasil e do mundo.

Por outro lado, a profissionalização é um processo que se caracteriza por uma série de atributos comuns a qualquer classe, tais como ocupação de tempo integral e exercício por vocação, julgamento do trabalho profissional por parte dos colegas da categoria, conhecimento especializado obtido através de escolas criadas e adequadas para essa finalidade, existência de associações profissionais, regulamentação das profissões dando ensejo ao monopólio de competência, adoção e obediência ao *código de ética e outros requisitos*²¹.

O cumprimento desses atributos irá determinar a colocação da classe e, em decorrência, do próprio indivíduo em um nível mais elevado na sociedade. A profissionalização não explica por que algumas pro-

fissões têm mais sucesso, *status*, conquistam e mantêm aiosamente seu monopólio de competência; muito menos discrimina os cursos de Ciências Sociais como uma espécie de segunda e terceira opção para estudantes que não conseguiram entrar nos cursos mais cobiçados; e nem estereotipa e retrata a figura do profissional homem ou mulher para os cursos de maior ou menor prestígio. Em suma, o processo de profissionalização rege normas para a profissão e para o técnico prestes a trabalhar, recém-egresso da faculdade ou para aquele em exercício, na ativa. Jamais se destinou a situações anteriores à graduação ou aos gêneros masculino e feminino.

Portanto, consideramos a afirmação de Simon Schwartzman exclusivamente como um desabafo, uma crítica sem fontes de referências, comentário talvez de uma situação esporádica e regional, uma vez que não forneceu dados estatísticos ou explicações técnicas.

Aproveitando as observações acima e extrapolando para a Biblioteconomia, profissão enquadrada nas Ciências Sociais e eminentemente feminina - só no Rio, 95% -, verificamos¹⁵ que, durante sua evolução no Brasil, galgou os requisitos prescritos no processo de profissionalização e conquistou prerrogativas de autoridade em relação ao meio humano. É regulamentada por lei, possui associações profissionais, código de ética, seus profissionais apresentam título ou diploma adquirido após curso universitário ou de outra instituição que exigiu conhecimentos e habilidades altamente especializados; trabalham por vocação e finalmente sua produção intelectual é analisada e julgada pelos colegas e bem recebida pelos meios *intelectuais* do País e do estrangeiro.

Se a realização da pesquisa não demonstrou o enquadramento nítido do bibliotecário em uma das funções sociais expostas por Schwartzman, comprovou que o bibliotecário, em determinadas condições, pode desempenhar qualquer uma das citadas funções.

Fica evidenciado, portanto, que a participação feminina no processo de desenvolvimento do País é ainda um assunto merecedor da atenção da nossa comunidade intelectual, podendo revelar fatos e resultados bastante surpreendentes.

Agradecimentos

Nossos agradecimentos a professora Maria Nélica González de Gómez, do Curso de Mestrado em Ciência da Informação da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, pelo incentivo, apoio e subsídios para a realização desta pesquisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. SCHWARTZMAN, Simon. A força do novo: por uma nova sociologia dos conhecimentos modernos no Brasil... *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, 2 (5):47-66, out, 1987.
2. MANNHEIM, Karl. Los determinantes políticos y sociales del conocimiento. In: HOROWITZ, Irving.comp.Historia y elementos de la sociologia del conocimiento. Buenos Aires, Eudeba, 1964. v.1 p.116-140.
3. MOTA, Carlos Guilherme. *Ideologia da cultura brasileira*. (Pontos de partida para uma revisão histórica) São Paulo, Editora Ática 1977. p.73.
4. CONSELHO FEDERAL DE BIBLIOTECONOMIA. *Anteprojeto da reformulação da Lei 4 084/62*. Comissão especial para reformulação da Lei 4 084/62. Brasília, ago. 1989.13f.
5. OTLET, Paul. *Traité de documentation*. Le livre sur le livre. Théorie et pratique. Bruxelles, Ed. Mundaneum, 1934. p. 7.
6. BRIET, Suzanne. *Qu'est-ce que la documentation?* Paris, Ed. Documentaires industrielles et techniques, 1951. p.7 e 8.
7. MEDEIROS, Mansa Brascher Basílio. *Levantamento e análise da terminologia brasileira em Ciência da Informação*. Brasília, Univ. de Brasília, 1984.194p. Dissertação de Mestrado em Biblioteconomia e Documentação.
8. ORTIZ, Renato. Alienação e cultura: o ISEB. In: *Cultura brasileira e identidade nacional*. 2. ed. São Paulo. Brasiliense, 1986. p.46.
9. FUNÇÃO cultural da biblioteca moderna. *Revista do Serviço Público*, Rio de Janeiro, 2(3/4):3-4jul/ago.1974.
10. ALMEIDA, Nilza Lins de. ensaio sobre a organização de bibliotecas para o Ministério da Agricultura. *Revista do Serviço Público*, Rio de Janeiro, 2(2): 164-66, jun. 1940.
11. ARAGÃO, J. Guilherme de. A Biblioteca da A.S.C.B. *Revista do Serviço Público*, Rio de Janeiro, 2(3):58-62, jun. 1949.
12. SILVEIRA, Joel & CARLOMAGNO, Orlando. O que é o Serviço de Documentação do MTIC. *Revista do Serviço Público*, Rio de Janeiro, 67(2):263-68, maio 1955.
13. CHAVES, Lea Almeida. *40 anos de atividades da Biblioteca do Ministério da Fazenda, 1944-1984*. Relatório. Rio de Janeiro, DMF/RJ DIVAD, SEDOC, Biblioteca, 1984.131p.
14. MACEDO, Neusa Dias de. Pesquisa em Ciência da Informação e Biblioteconomia: questões de base; Implicações na pós-graduação; análise temática. *Ciência da Informação*, Brasília, 16(2): 129-144, 1987.
15. SOUZA, Helena de Miranda Rosa e. *Situação das bibliotecas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Conselho Regional de Biblioteconomia- 7ª Região, 1987.
16. SILVA, Gilda Olinto do V. O impacto dos cursos do IBICT sobre a atividade profissional dos egressos. *Ciência da Informação*, Brasília, 11(2):3-12, 1982.
17. KOHLER, Relinda & MAY, Maria Ephigenia Ramos. Congressos de biblioteconomia: avaliação e perspectivas. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, S. Paulo, 13(1/2):65-71, jan/jun. 1980.
18. COBLANS, Herbert introdução ao estudo de documentação. Rio de Janeiro, DASP, s/d.
19. IBICT. *Relatório anual*, 1985. Brasília, 1986. p.5
20. CAMPOS, Carlita M. & CALDEIRA, Paulo da T. Bibliografia especializada corrente no Brasil: três décadas de descontinuidade. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, Belo Horizonte, 17(2): 186-213, set 1988.
21. MARINHO, Marcelo J.M.C. *Profissionalização e credenciamento: a política das profissões*. Rio de Janeiro, SENAI, 1986. 114p.

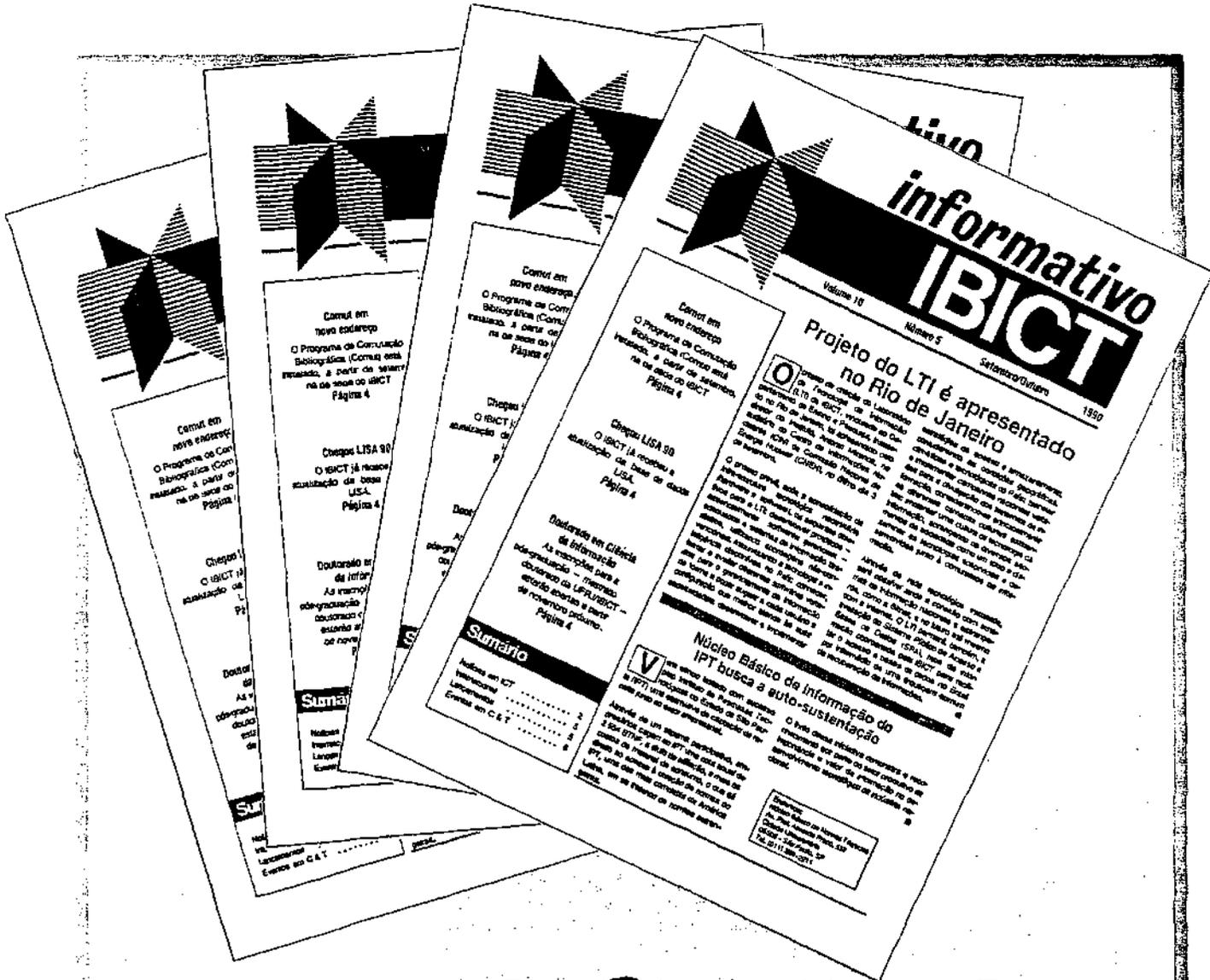
The role of the information specialist on the knowledge modernization and professionalization

Abstract

A study about the participation of the information specialist on the Brazilian development was carried out through their scientific production indexed at two reference printed sources: the Brazilian Bibliography on Librarianship, Documentation and Information Science, and the Dissertations and Thesis Catalog. In addition, statistical data about those professionals are presented as well as some considerations about the impact of government policies on the information sector aims are outlined.

Helena de Miranda Rosa e Souza

Bibliotecária, atuou em diversas áreas da Biblioteconomia na Petrobrás, RJ. Atualmente é documentalista-chefe do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro e mestranda do Curso em Ciência da Informação do IBICT/CNPq - ECO/UFRJ.



informativo IBICT

O Informativo IBICT coloca espaço para publicidade à disposição de instituições que atuam na área de vendas de produtos e serviços de informação.

Dados sobre tabela de preços, formatos etc. poderão ser obtidos com Alda, no seguinte endereço: Informativo IBICT - SCN, Quadra 2, Bloco K - 70710 Brasília, DF - Tel. (061) 321-4888 r. 249 - Telex 2481 CICT BR - Fax. 226-2677.

IBICT



INSTITUTO BRASILEIRO
DE INFORMAÇÃO
EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA